

O SAPO QUE NÃO QUERIA VOLTAR A SER PRÍNCIPE

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO,
UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

Sinopse:

O livro conta a estória de Jorge, um jovem Príncipe do Reino de Acomodhar, que se vê obrigado a um casamento que não quer com a princesa Stephanie do terrível Reino de Odhiar, governado pelo violento Rei Vladimir. A intenção do Rei Vladimir com este casamento era a união dos Reinos de Acomodhar e Odhiar visando a conquista do rico e pacífico Reino de Amhar. O Príncipe Jorge não aceita esta condição e pragueja que preferia se tornar um sapo e desaparecer no grande lago do castelo. A bruxa da maldição ouviu e atendeu o seu pedido. No lago, o Príncipe Jorge teve momentos de grande alegria, conquistou amizades sinceras, como a do sapo Croc, e sentia-se muito bem a ponto de não querer voltar a ser Príncipe novamente. Tudo ia bem até que ele viu que o lago não era tão tranquilo e seguro assim. A temida Rã-Golias, que engolia os sapos que não a obedecesse, decidiu que todos os sapos deveriam invadir o pacífico e rico lago vizinho. Croc, dando exemplos de determinação e coragem, liderou um movimento contra a Rã-Golias, mostrando ao Príncipe Jorge, chamado de Toad por Croc, o quanto ele estava sendo covarde e tímido em enfrentar os problemas em seu próprio Reino. A quebra da maldição e a volta para a condição de Príncipe se deu graças a um verdadeiro beijo de amor dado por Frog, uma simpática rãzinha que, na verdade, era a criada Suzy do castelo apaixonada pelo Príncipe e que, por acidente, fora transformada em rã pela bruxa da maldição. O Príncipe Jorge liderou seu povo à resistência contra o Rei Vladimir. A história termina com uma lição dada pelo povo de Amhar que ajudou o Reino de Acomodhar a vencer o Reino de Odhiar. O Rei Vladimir, derrotado, praguejou e a bruxa da maldição o transformou em um sapo também. Só que o seu destino no lago foi triste. O novo Rei Jorge finalmente se casa com Suzy, a criada.

João José da Costa

O sapo que não queria voltar a ser príncipe, por João José da Costa

Direitos autorais reservados. FBN-MEC Registro 485.131 - Livro
916 - Folha 97

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Esta história aconteceu nos Reinos de Amhar, Odhiar e Acomodhar. Antes, estes três Reinos estavam juntos, formando um grande e poderoso império. Mas, os habitantes tinham desejos, pensamentos e ambições diferentes. Então, eles se separaram, dividindo o império nestes três Reinos.

Os habitantes, que queriam paz, criaram o Reino de Amhar. Os habitantes, que acreditavam que tudo se consegue com guerras, criaram o Reino de Odhiar. E os habitantes que queriam a paz, mas faziam guerra quando seus interesses eram contrariados, criaram o Reino de Acomodhar.

Estes três Reinos viviam em paz, até que um acontecimento mudou a vida e a rotina de todos os seus habitantes. E este drama era vivido, principalmente, pelo Príncipe Jorge, do Reino de Acomodhar.

Ele sofria sua tristeza, sentado em uma pedra à beira do grande lago do castelo. Lá era o único lugar onde conseguia encontrar o refúgio e um pouco de paz para o drama que enfrentava em sua vida.

No castelo, o Rei Felipe, pai do Príncipe Jorge, uma vez mais, insistia com a Rainha Catarina:

- Jorge tem que concordar com este casamento! Será bom para ele, para nós e para o Reino de Acomodhar.

A Rainha Catarina, temendo a ira do poderoso marido, procurava sempre contemporar:

- Felipe, dá um tempo maior para que Jorge consiga entender as razões deste casamento com a princesa Stephanie, apesar de não amá-la.

Mas, a Rainha Catarina pensava em silêncio: ‘Ele não a ama e nunca a amará. Tampouco concorda com os motivos deste casamento!’.

Há algum tempo, o Rei Felipe fora procurado pelo violento Rei Vladimir do Reino de Odhiar. Este Rei era conhecido pelas constantes guerras que infringia aos Reinos vizinhos e pelos castigos e perversidades que aplicava nos súditos vencidos por seu poderoso exército.

E esta conversa martelava a cabeça do Rei Felipe e ele se lembrava das palavras do Rei Vladimir:

- Sua alteza Felipe. Vim de longe pessoalmente lhe propor que seu filho, o Príncipe Jorge, se case com minha filha, a princesa Stephanie. Este casamento nos

possibilitará unir nossos dois exércitos e, juntos, poderemos dominar os Reinos vizinhos construindo um grande império!

E a atenção do Rei Vladimir era o rico e pacífico Reino de Amhar. Este Reino era governado pelo bondoso Rei Ricardo, que era adorado pelos seus súditos. O Rei Ricardo conduzia seu Reino com ordem, justiça e paz social. Seus súditos trabalhavam com muito orgulho e dedicação.

Muitos se dedicavam ao trabalho na terra produzindo uma grande quantidade de alimentos e um bom vinho. Outros eram artistas e artesãos. Em todos os recantos do Reino podiam ser encontradas estátuas de deuses e deusas que eram veneradas pelos súditos. Além disto, os artesãos ofereciam excelentes produtos como bolsas, calçados, roupas, carros de boi, selas para os cavalos. E todas as mulheres faziam os melhores bolos e doces de toda a região.

As crianças aprendiam escrever e ler e aprendiam as artes, como pintura e escultura. O Rei Ricardo não mantinha exércitos, somente alguns soldados para controlar a entrada e saída de seus súditos ao seu castelo.

O Reino de Amhar era um dos Reinos mais ricos e pacíficos da região e isto atraía a cobiça de outros Reis, em especial do Rei Vladimir. Suas terras eram ricas em ouro e pedras preciosas. Mas, o Rei Ricardo nunca permitiu que o ouro e as pedras preciosas fossem extraídas, se fosse necessário destruir a natureza e o meio ambiente.

Entretanto, o Rei Ricardo não acreditava que o Rei Vladimir ou qualquer outro Rei pudesse invadir o seu Reino. Por isso, ele não mantinha exércitos e o povo era pacífico. .

Ao contrário, o Reino de Odhiar era voltado para a guerra. Seus soldados eram treinados desde meninos para serem violentos e resistirem com bravura aos sofrimentos da guerra. As crianças eram mantidas pelas mães até os oito anos de idade. Após esta idade, elas viviam em grupos e eram criadas ao ar livre.

Os soldados de Odhiar submetiam estas crianças a um treinamento militar rigoroso.

As crianças aprendiam a utilização de armas, como lanças, espadas e arco e flechas. Elas passavam por torturas e sacrifícios, como ferimentos, fome e frio, para que aprendessem a suportar as dores da guerra e ser imunes ao medo, além de resistentes ao tempo. Elas

aprendiam odiar a covardia e se tornavam fanaticamente dedicadas ao Reino de Odhiar.

Assim, ao invés de irem para a escola, permaneciam horas e horas aprendendo as artes marciais e as técnicas de combate. E muitas ficavam feridas e até morriam neste treinamento.

O Rei Vladimir admirava a educação do distante Reino de Esparta na Grécia e passou a adotar estas técnicas pelo extraordinário sucesso em combates do exército espartano.

Já o Reino de Acomodhar, situado entre os Reinos de Amhar e Odhiar, possuía um exército de muitos soldados, porém inferior ao de Odhiar. Mantinha um controle rigoroso sobre os seus súditos que pagavam elevados impostos. Havia muito sentimento de injustiça social e o povo não estava feliz com o seu Rei Felipe. Mas, havia escolas para as classes mais ricas. Porém, a maioria dos súditos não tinha acesso a nenhuma forma de educação. Entretanto, era um Reino rico e seu exército suficientemente poderoso para impor um respeito.

Mas, o que o Rei Felipe mais se lembrava era das últimas palavras do Rei Vladimir:

- Sua alteza deve concordar com este casamento entre o Príncipe Jorge e a princesa Stephanie como uma das formas de evitar que o Reino de Acomodhar seja invadido pelo meu exército...

Entrar em guerra com o Reino de Odhiar era tudo o que o Rei Felipe não queria. Assim, ele dependia da concordância do Príncipe Jorge para se casar com a princesa Stephanie, filha do Rei Vladimir. Mesmo que isto representasse a invasão do Reino de Amhar.

A Rainha Catarina, entendendo o dilema de seu marido, o Rei Felipe, tentava convencer o Príncipe Jorge:

- Jorge, eu sei que você não ama esta princesa. Eu também não amava o seu pai quando nos casamos. Mas, o meu casamento foi uma decisão de meus pais, eu nada podia fazer. Nos reinados existem os interesses que devem ser preservados e isto se consegue através de casamentos como este que está lhe sendo proposto.

- Eu sei, minha mãe. Mas, não posso me casar com uma mulher que não amo! Sejam quais forem os motivos!

- Nem que isto leve a uma guerra contra o Reino de Odhiar?

- Guerra?

- Sim, infelizmente, sim! O Rei Vladimir ameaçou seu pai Felipe com uma guerra caso este casamento não seja realizado!

O Príncipe Jorge calou-se diante desta terrível ameaça. O que fazer? Casar com uma mulher que não ama ou levar seu Reino a uma guerra estúpida contra o Reino de Odhiar?

De longe, esta conversa era acompanhada por Suzy, a fiel criada da Rainha Catarina. Suzy nutria pelo Príncipe Jorge uma grande paixão. Era uma moça extraordinariamente bela e de maneiras adoráveis. E ela sentia que era correspondida pelo Príncipe Jorge nesta paixão.

O Príncipe Jorge se encantava todas as vezes que via Suzy e costumavam brincar juntos desde os tempos de crianças. Mas, o Príncipe Jorge nunca admitiu esta sua paixão por Suzy perante a Rainha e o Rei, temendo represálias injustas à sua grande amiga e criada.

Além disto, ele sabia que, na qualidade de Príncipe herdeiro do Reino, nunca poderia nutrir esperanças de se casar com uma criada.

Uma manhã, um emissário do Rei Vladimir trouxe uma carta ao Rei Felipe. E a terrível carta breve e ameaçadora:

“Rei Felipe. Aguardo uma resposta final de sua alteza até o prazo de 30 dias. Meu exército já está em preparativos para a guerra contra o Reino de Acomodhar. Somente o casamento do Príncipe Jorge com a princesa Stephanie pode evitar esta guerra. A paz de seus súditos está em suas mãos. A vida de sua família, também...”.

O Rei Felipe se desesperou:

- Onde está o Príncipe Jorge? Guardas! Procurem o Príncipe por todos os cantos do castelo e do Reino e traga-o imediatamente à minha presença!

Dezenas de guardas se espalharam pelos cantos do castelo e do Reino à procura do Príncipe Jorge.

Ao ouvir o Rei Felipe ler a mensagem do Rei Vladimir e a ordem dada aos soldados, Suzy procurou por Jorge imediatamente. Ela sabia onde ele costumava procurar refúgio:

- Jorge, Jorge! Desculpe-me, Príncipe Jorge, por favor!

- Olá, Suzy. Você pode me chamar de Jorge sim! Afinal de contas somos grandes amigos desde crianças!

- Jorge, seu pai recebeu um ultimato do Rei Vladimir. Ou ele decide pelo seu casamento com a princesa Stephanie nos próximos 30 dias ou o nosso Reino será invadido pelo exército de Odhiar!

Calado, Jorge ouviu as palavras de Suzy. Olhou-a profundamente nos olhos e gritou:

- Que vida maldita! Eu preferia virar um sapo e me perder nesta lagoa!

E a bruxa da maldição ouviu o pedido de Jorge e resolveu atendê-lo, gritando:

- Se é isto que você quer é isto que você terá!

Um estrondo foi ouvido por todos os moradores do castelo e redondezas. Parecia o barulho de um trovão muito forte.

Ao longe, escondida no clarão do raio, a bruxa da maldição se afastava dando uma risada arrepiante. Ela sabia que sua maldição somente poderia ser quebrada com um beijo de amor! E quem gostaria de dar um beijo de amor em um sapo?

Suzy e o Príncipe Jorge simplesmente desapareceram.

Os soldados do Rei Felipe voltaram de sua busca ao Príncipe Jorge:

- Majestade, vasculhamos todos os recantos do Reino e todos os cantos do castelo. Não vimos nenhum sinal do Príncipe Jorge. E ninguém soube informar de seu paradeiro.

A Rainha Catarina procurou por ajuda de Suzy, sua criada mais próxima:

- Suzy! Suzy! Venha cá imediatamente!

Mas, em vão. Suzy igualmente desaparecera e isto logo fez com que o Rei e a Rainha desconfiassem que o Príncipe Jorge e Suzy tivessem fugido do castelo e de suas responsabilidades.

- Eu bem que notava um ar muito romântico de Suzy quando via o Príncipe Jorge! Disse a Rainha.

- Vou pedir para os meus soldados caçá-los por todos os Reinos! E Suzy irá para a forca! Jorge será obrigado a se casar com Stephanie! Eu prometo isto. Palavra de Rei! E palavra de Rei não volta atrás!

Uma intensa procura pelo suposto casal fugitivo se iniciou por muitos e muitos dias. E nada de Suzy e do Príncipe Jorge.

Quando o temível Rei Vladimir de Odhiar soube do desaparecimento do Príncipe Jorge simplesmente disse ao Rei Felipe:

- Seu prazo está se esgotando. Faltam agora somente 18 dias! Estamos prontos para a guerra!

O Rei Felipe e a Rainha Catarina entraram em desespero. Eles não aguentariam uma guerra contra o Reino de Odhiar por muito tempo. Além disto, o desaparecimento do Príncipe Jorge representava uma verdadeira tragédia para o Reino. Afinal de contas, ele era o único sucessor para ocupar o trono do Rei Felipe.

A notícia de seu desaparecimento e da possibilidade da guerra contra o Reino de Odhiar deixou os súditos de Acomodhar muito aflitos e preocupados.

Longe de tudo isto, o Príncipe Jorge descobria um novo mundo. Ele ainda não percebera a grande transformação que sofreu após a maldição da bruxa:

- Nossa, que lugar lindo! Incrível, eu estou respirando debaixo da água! Que água refrescante! Mas,

quantos peixes enormes por aqui! Será que eles vão me comer?

E levou algumas horas para o Príncipe Jorge descobrir que não eram os peixes que estavam grandes e sim ele é que estava pequeno. Um gracioso e pequeno sapo! Exatamente como ele pediu quando disse a palavra ‘maldita’.

A bruxa da maldição sempre atende aos pedidos daqueles que usam esta palavra seguida de um desejo. E quando o Príncipe Jorge disse ‘Que vida maldita! Eu preferia virar um sapo e me perder nesta lagoa!’ ele não imaginava que seu pedido fosse ser atendido.

E o Príncipe Jorge descobriu seu novo destino quando veio à superfície do lago e exclamou:

- Meu Deus! Que lago imenso! E aquele castelo parece ser um castelo de gigantes!

Entretanto, outro sapo ao ouvi-lo disse:

- Ei, amigo! Você é novo por aqui?

- Como assim? Quem é você? Qual seu nome?

- Eu sou o Croc. Mas meu nome completo é Croc Croc. E meu apelido é Croc! Você não está vendo? Eu sou um sapo como você! E qual é o seu nome?

Ao ouvir o outro sapo o Príncipe Jorge, finalmente, descobriu que havia se transformado em um sapo!

- Bem, meu nome é Jorge! Sim, eu sou novo por aqui!

- Jorge? Mas, isto não é nome de sapo! Posso chamá-lo de Toad?

- É, pode ser. Foi minha mãe quem me deu o nome de Jorge. Deve ser influência da cultura inglesa e de nomes de outros nobres!

- Cultura inglesa, outros nobres? Do que você está falando, cara?

O Príncipe Jorge também percebeu que o castelo não era um castelo de gigantes. Como sapo, ele passou a ver tudo sob um novo ângulo. Assim, o castelo onde morava parecia muito grande para ele!

Mas, ele não olhava para o castelo com saudades não! Ao contrário, ele estava se sentindo muito bem com sua nova vida. No lago ele estava livre do casamento com a

princesa Stephanie e de todo o cerimonial que tinha que cumprir como Príncipe herdeiro.

Ele nadava, refrescava-se nas fontes, à noite admirava o céu estrelado, passeava no lago sob o luar.

E Croc o convidou para conhecer o lago:

- Ei, Toad! Você não quer dar uma volta por aí e conhecer o lago?

- Vamos lá! Disse o Príncipe Jorge todo entusiasmado.

E Croc apresentou todas as belezas do lago: as plantas enormes que tinha em suas margens, as flores gigantes multicoloridas, a cascata de água próxima da nascente de águas cristalinas, o fundo com areias brancas e pedras que ofereciam esconderijos para os sapos e os peixes.

O Príncipe Jorge a tudo olhava com encantamento e dizia:

- Que vida maravilhosa eu vou poder ter aqui. É tudo tão lindo, tão simples, tão seguro! Eu nunca mais vou voltar a ser um Príncipe! Nunca mais!

E Croc o convidou para uma de suas diversões prediletas:

- Toad, vamos pular do chafariz? É o maior barato!

- Como assim?

- No centro do lago tem um chafariz que esguicha água longe. E tem um pequeno tanque com água acima do lago. A gente salta neste tanque e depois pula para o lago! Disse Croc.

- Parece legal, vamos lá! Concordou Toad.

Ao chegar próximo do chafariz, Croc orientou:

- Toad, você tem que tomar um grande impulso nadando e tentar alcançar o tanque do chafariz. Depois você pula! Veja como eu faço!

Croc nadou até o fundo do lago e, em seguida, nadou rápido em direção ao tanque do chafariz, saltando do lago. E lá de cima ele chamava por Toad:

- Agora é com você! Estou esperando. Assim, nós pulamos no lago juntos!

Jorge, ainda desajeitado, foi até o fundo do lago e começou a nadar em direção ao tanque do chafariz. Mas, o seu pulo não foi suficiente para alcançar o tanque. Além disto, ele bateu com a cabeça na base do tanque e ficou tonto.

Croc ria e incentivava:

- Vamos, tente novamente. Você vai conseguir!
Que raio de sapo é você!

Jorge, com o seu orgulho de Príncipe ferido, fez a tentativa novamente.

E desta vez, ele pulou tão forte que atravessou o chafariz e caiu do outro lado do lago.

Croc ria sem parar e pensava: ‘Este meu amigo é mesmo muito atrapalhado!’.

Mas, na terceira tentativa, Jorge conseguiu alcançar o tanque do chafariz e encontrar-se com Croc. Após ficarem alguns minutos nadando na água gelada e cristalina do chafariz, os dois resolveram pular novamente no lago.

Jorge estava tão feliz que repetiu para si mesmo: ‘Eu nunca mais vou voltar a ser um Príncipe! Nunca mais!’.

O esforço foi tão grande que o Príncipe Jorge começou a ficar com fome:

- Croc, a que horas é servido o almoço no lago?
- Servido o almoço? Meu amigo, aqui ninguém serve almoço para ninguém. Você tem que se virar!
- Mas, não tem restaurante, nada, nenhum lugar onde eu possa almoçar? Não têm criadas para nos servir? Estou morrendo de fome!
- Toad, você realmente é muito estranho. Eu nunca vi um sapo fazer as perguntas que você faz? Você está com fome? Então vamos procurar por comida!
- E o que se come aqui?
- Insetos! Comemos muitos insetos saborosos que caem no lago ou ficam nas plantas às margens do lago!
- Insetos! Aaagghhh!
- Sim, insetos! Você não gosta de insetos?
- Bem, na verdade não! Mas, se não tem outra escolha, vamos lá!

E o Príncipe Jorge se contentou em comer algumas mariposas, abelhas, formigas e outros insetos que a chuva levou para o lago. Ela não teve coragem de comer os insetos vivos que viviam nas plantas as margens do lago.

Mas, Croc dava preferência para estes insetos:

- Toad, insetos vivos são muito mais saborosos e saudáveis. Evite comer somente os que se afogaram no lago!

O Príncipe Jorge achou a refeição do lago como uma das piores que já tinha comido em sua vida! Mas, a beleza do lago era tão grande que tudo compensava.

- Croc e à noite onde vamos dormir?

- Toad, na verdade não dormimos muito não. Temos que ficar sempre espertos para os nossos inimigos. Mas, encontre um buraco ou um abrigo debaixo de uma pedra no fundo do lago ou se esconda nas plantas às margens do lago.

- Nossos inimigos? Quem são eles? Os peixes?

- Na verdade, não! Os peixes evitam nos comer porque somos venenosos para eles. Mas, cuidado com

as cobras! Elas adoram comer sapos! E não sentem o nosso veneno!

O Príncipe Jorge sentiu um frio na espinha e ficou apavorado. Mas, procurou se acalmar. Afinal, a beleza do lago era tão grande que tudo compensava. E tratou de encontrar um abrigo seguro.

- Estas cobras não podem ser mais perigosas do que o exército do terrível Rei Vladimir! Pensou ele, resignando-se.

O dia amanheceu lindo. O sol brilhava forte e iluminava o fundo do lago. Até a água ficava um pouco mais morninha, tornando-se mais agradável para os mergulhos.

E, tão logo acordou, Jorge foi à procura de seu amigo Croc.

- Croc, o que vamos fazer hoje?

- Toad, as ninféias começaram a dar flores! Esta é a época mais importante para nós sapos!

- Ah, eu conheço as ninféias! E adorava ver suas flores amarelas e vermelhas no início da primavera.

Mas, por que é a época mais importante para os sapos, quero dizer, para nós sapos?

- Ora, você não sabe? É tempo de encontrarmos namoradas, casarmos e gerarmos milhares de girinos, nossos filhinhos!

- É? E como fazemos isto?

- Meu amigo Toad, como você é novato mesmo, não? Nesta época, não dormimos à noite. Ficamos em cima das ninfêias ou pedras do lago e começamos a coaxar. Quem coaxar mais alto e com mais frequência encontra as melhores namoradas!

- Bem, Croc. Eu vou apenas acompanhar você! Eu não estou preparado para casamentos por enquanto!

- Você quem sabe! Mas, eu estou preparado e muito! Precisamos casar e gerar nossos girinos. É para isto que existimos!

Enquanto Croc coaxava como um louco à procura de suas namoradas, Jorge limitava-se a ficar olhando e achando curioso o barulho de centenas de sapos coaxando! E lembrou-se que ouvia este barulho enquanto dormia em seu quarto no castelo.

Entretanto, Jorge não coaxou, preferindo ficar sozinho em cima de uma ninféia.

E foi quando ele se surpreendeu quando uma rã, muito bonita e tímida, saltou para a mesma ninféia onde ele se encontrava.

- Oi! Disse Toad.

- Oi!

- Quem é você? Perguntou Toad.

- Bem, me deram o nome de Frog quando eu cheguei aqui. Disse Frog.

- Você também veio de outro lugar? Insistiu Toad.

- Sim. Bem, na verdade, eu não sei o que aconteceu. Eu só me lembro de ter ouvido um forte estrondo, como um trovão seguido de um raio e, quando acordei, estava no lago. E seu nome? Perguntou Frog.

- Humm... é melhor você me chamar de Toad!

- Está bem, Toad. Muito prazer? E você, por que não está coaxando? Não quer namorar, casar, ter centenas de girinos iguais a você?

- Não, Frog. Na verdade, esta palavra casamento me dá arrepios. Eu não me sinto em condições de pensar em casamento por enquanto! E você, não está procurando um sapo que saiba coaxar alto e com muita frequência?

- Também, não! Sabe, eu sou apaixonada por um prín..., quero dizer, um sapo e não casaria com nenhum outro sapo neste mundo!

Por instantes, Toad e Frog trocaram olhares profundos. Era como um já conhecesse o outro de algum lugar. E, para quem acredita em amor à primeira vista, ali nascia um novo amor.

Talvez, não tão novo assim!

E enquanto os dois trocavam olhares apaixonados, uma cobra já estava em condições de dar o bote e zás! A cobra pegou Frog por uma das pernas e tentava abocanhá-la. Isto seria o fim para Frog! Toad ficou desesperado e se lançou contra a cobra, arranhando os seus olhos com os pés até que ela soltou Frog e mergulhou no lago, fugindo.

- Toad, você salvou minha vida! Disse Frog.

- Eu fiz o que deveria ter feito! Disse Toad com ar de herói!

- É! A vida no lago não é tão tranquila e segura assim! Pensou o Príncipe Jorge.

Ele nunca havia se sentido assim, forte e corajoso. Ele sempre teve a proteção de seus pais e dezenas de criados que o mimavam muito.

Quando Toad se virou, Frog já tinha ido embora, restando-lhe o pensamento: ‘Quando a verei novamente?’.

Naquela mesma tarde, Croc veio correndo em direção a Toad para avisá-lo:

- Toad, Toad! A Rã-Golias está no lago novamente. Ela é a rainha dos sapos! E está recrutando soldados para invadir o lago vizinho. Diz que lá tem mais insetos e água mais limpa!

- E temos que servir a esta rainha? E se não concordamos? Perguntou Toad.

- Ela simplesmente te comerá? Respondeu Croc.

- Comerá? Como ela conseguirá engolir outro sapo?

- Toad, a Rã-Golias é a maior rã do mundo. Ela pesa mais de três quilos e tem 36 centímetros. Ela pode engolir vários sapos de uma vez! Esclareceu Croc.

- Então, vamos fugir! Vamos nos esconder em outro lago! Sugeriu Toad.

- Mas, você não acha injusto invadir o outro lago e roubar seus alimentos e se apoderar de suas águas? Perguntou Croc.

- Não acho justo, não! Mas, acho melhor a gente fugir deste problema! Respondeu Toad.

- Espere aí, Toad! Não podemos ser covardes. Temos que encontrar outros sapos que apóiem um movimento contra a Rã-Golias! Replicou Croc.

- Mas, Croc. Todos os sapos temem por suas vidas! É melhor todos nós fugirmos daqui e logo!

- Meu amigo Toad! Morrer em uma guerra ou morrer lutando por uma causa justa em que você acredita. O que seria melhor?

- Ah, eu não sei. Eu sempre preferi evitar os problemas a enfrentá-los! Disse Toad.

- Toad, eu não tenho dúvidas que não devemos servir aos interesses da Rã-Golias. Nós já temos no lago todo o alimento que precisamos. Não é justo invadir o lago dos outros sapos que vivem em paz! Respondeu Croc.

- E o que vamos fazer, então? Quis saber Toad.

- Vamos nos reunir com o maior número possível de sapos e convencê-los a fazer uma revolta contra a Rã-Golias! Disse Croc.

- Bem, Croc, se é isto que você quer, eu não tenho alternativa. Mas, meu gosto mesmo era desaparecer deste lago. Quem sabe virar um tubarão e ir para o mar! Disse Toado.

- Toad, você é um grande amigo! Mas, muito inseguro de si, não acredita em seu potencial e em sua força! Mas, de qualquer forma, que bom que encontrei um companheiro para esta luta! Deixe que eu mesmo aviso todos os sapos. Vamos nos reunir esta noite perto do chafariz!

O Príncipe Jorge ficou pensando sobre este assunto. E achou que a sua posição perante a Rã-Golias fora de covardia.

Croc deu-lhe uma lição de coragem e determinação:

- Eu acho que me comportei como um covarde! Talvez eu tenha sido um covarde mesmo em toda a minha vida! Sempre preferi fugir dos problemas e não enfrentá-los. Era isto que eu deveria ter feito no castelo. Ajudar o meu pai a enfrentar as ameaças do Rei Vladimir! Mas, agora é tarde! Não tenho mais como voltar a ser um Príncipe novamente! Disse Jorge com tristeza.

Croc reuniu centenas de sapos ao redor do chafariz, tendo ao seu lado Toad.

- Meus amigos! Uma vez mais estamos sendo ameaçados pela grande Rã-Golias. Tivemos muitos de nossos companheiros que a enfrentaram engolidos por ela. Submetemo-nos a todos os tipos de exigências. Caçamos os insetos para ela, construímos o seu abrigo, limpamos o lago. Agora, não contente, ela quer invadir o lago de nossos vizinhos amigos e pacíficos. Não podemos concordar com isto!

- Mas, como enfrentar a grande e terrível Rã-Golias? Ela vai nos engolir a todos! Gritou a multidão de sapos.

- Ela pode nos engolir de um em um. Mas, não poderá engolir a todos nós se nos unirmos! Vamos nos preparar para a resistência!

- Mas, como vamos fazer isto? Gritou novamente a multidão de sapos.

- Eu tenho um plano! O plano secreto das três dúzias! Respondeu Croc.

Toad, muito tímido, limitava-se a apoiar Croc com discretos gritos:

- É isto aí! Apoiado! Bravo! Muito bem!

A Rã-Golias ficou sabendo do movimento contra ela coordenado por Croc e resolveu agir imediatamente. Ela sabia que uma nova reunião dos sapos estava marcada para a manhã do dia seguinte. E esperou atrás de uma grande pedra este momento.

No dia seguinte, os sapos começaram a se dirigir ao centro do lago onde estava o chafariz e especulavam:

- Qual será o plano de Croc para vencer a Rã-Golias?

- Eu estou com muito medo de ser engolido por ela!

- Ela é muito grande e poderosa. Não poderemos vencê-la!

Ao chegar, Croc, acompanhado de Toad, imediatamente iniciou a sua mensagem:

- E então companheiros? Vocês estão comigo?

- Estamos! Gritaram os sapos, levantando uma das perninhas.

- Atenção os companheiros envolvidos em nosso plano secreto! Vocês estão preparados?

- Estamos! Gritaram os sapos machos maiores.

- Um por todos, todos por um! Gritaram três sapos ao longe.

Toad, ao ouvir esta última frase, pensou: ‘Eu tenho a impressão de ter ouvido esta frase antes!’.

E, de repente, a grande Rã-Golias apareceu, gritando e se impondo:

- Como ousam me enfrentar! Croc, você será o primeiro a ser engolido! Você é um subversivo e revolucionário! Está tentando quebrar a ordem que existe no lago!

- Rã-Golias, estamos fartos de sua ditadura no lago! Vamos dar um basta ao seu governo egoísta e injusto!

A ouvir isto, a Rã-Golias abriu sua grande boca para começar a engolir os sapos revoltados, começando por Croc.

Mas, quando ela foi em direção ao Croc, 36 sapos pularam para a sua boca.

Ela ficou sufocada e não conseguia falar, nem respirar. Para não morrer asfixiada, a Rã-Golias cuspiu todos os 36 sapos, não conseguindo engolir nenhum deles.

Ela tentou novamente, pulando para tentar pegar Croc e Toad que estava ao seu lado.

Novamente, a ação dos 36 sapos se repetiu. Desta vez, ela quase morreu. Não conseguia cuspir os sapos. Mas,

com um gesto de piedade, os 36 sapos saíram de sua boca deixando-a respirar.

Finalmente, a Rã-Golias se deu por vencida:

- Bem, estive pensando melhor. Acho que não devemos invadir o lago dos sapos vizinho. Afinal de contas, temos tudo que precisamos neste lago, não é mesmo? Bem, se me derem licença, tenho mais o que fazer...

A Rã-Golias, desta data em diante, mudou completamente de comportamento. Tornou-se amiga de todos.

A grande multidão de sapos comemorava, gritando de alegria e de orgulho:

- Os sapos, unidos, jamais serão engolidos!
- Os sapos, unidos, jamais serão engolidos!
- Os sapos, unidos, jamais serão engolidos!

Depois de alguns dias, os sapos não viram mais a Rã-Golias no lago. Dizem as más línguas que ela aceitou um convite de casamento do Sapo-Golias e partiram para morar sozinhos em outro lago bem distante, onde não havia outros sapos que pudessem lhes incomodar.

Uma coisa ela a Rã-Golias tinha certeza - engolir sapos, jamais!

Croc passou a ser o novo líder do lago.

Toad aprendera lições importantes com o seu amigo para a sua vida.

Agora, ele já sentia saudades do castelo, do seu pai, o Rei Felipe, e de sua mãe, a Rainha Catarina.

- Mas, como voltar a ser um Príncipe novamente?

De repente, Frog apareceu:

- Oi!

- Oi! Retribuiu Toad.

- Eu, estava vendo vocês dois enfrentarem a Rã-Golias, perdida na multidão de sapos! Vocês foram muito corajosos!

Dizendo isto, Frog se aproximou de Toad e lhe deu um longo beijo de amor.

E foi aí, então, que se ouviu um grande estrondo, como se fosse um trovão. E um forte raio iluminou todo o lago.

Jogado na grama próxima ao lago do castelo, o Príncipe Jorge acordava:

- Nossa! Onde estou? Sinto-me tonto!

Ao olhar para suas mãos e braços, tocar seu corpo, o Príncipe Jorge percebeu que voltara a ser um homem novamente. Procurou por Frog, melhor dizendo, por Suzy. Mas, ela não estava.

- Será que Suzy era a Frog e continuou no lago?

Ele ainda gritou:

- Frog! Frog! Onde você está?

Mas, o máximo que conseguiu for assustar seus amigos sapos que procuraram refúgio entre as plantas e pedras do lago. Em especial, Croc. Ele procurava por Toad em todos os cantinhos do lago, temendo por sua vida depois de seu desaparecimento.

No castelo, a notícia do reaparecimento do Príncipe Jorge logo se espalhou. E todo o Reino comemorava

sua volta. O Rei Felipe e a Rainha Catarina imediatamente foram ao seu encontro:

- Meu filho, meu filho! Meu querido e adorado filho? Que bom que você está de volta? Disse sua mãe.

- Jorge, como você se atreveu a ausentar-se do castelo sem minha ordem! Eu poderia puni-lo por isto. Mas, meu filho, me dê um abraço! Que bom vê-lo são e salvo. Disse seu pai.

Abraçados, pai, mãe e filho saíram rumo ao castelo. Muitas coisas tinham que conversar. Entre elas, o casamento com a princesa Stephanie, filha do Rei Vladimir, que aguardava uma resposta até os três dias restantes do prazo dado.

No caminho, o Príncipe Jorge lembrava-se de Suzy e imaginava onde ela poderia estar.

O jantar que a Rainha Catarina mandou preparar para o Príncipe Jorge era o verdadeiro jantar dos deuses. Tinha tudo do bom e do melhor que se poderia imaginar. E ele comeu e experimentou quase de tudo.

- Nossa, meu filho! Você nunca comeu deste jeito!

- Minha mãe! Quando estamos longe de casa somos obrigados a comer qualquer coisa, até insetos! Eu estava morrendo de saudades da comida do castelo.

- Que bom! Eu apenas acho que o jantar seria ainda melhor se Suzy estivesse aqui. Ela era uma grande cozinheira. A propósito, todos nós pensávamos que você e Suzy tivessem fugido juntos!

- Não, mãe. Nós não fugimos juntos. Não sei do paradeiro de Suzy. Eu juro que não a vi como pessoa!

De qualquer forma, o Príncipe Jorge não estava mentindo para sua mãe. Ele não tinha visto Suzy como pessoa, mas como uma linda rã...

E naquela mesma noite, o Rei Felipe voltou ao assunto - casamento com a princesa Stephanie, filha do já seu inimigo Rei Vladimir do Reino de Odhiar. E ele tinha um bom motivo para isto - o prazo que se esgotava para sua resposta positiva ou a guerra!

E o Príncipe Jorge, desta vez, adotou uma postura completamente diferente:

- Meu pai! Eu não vou me casar com esta princesa Stephanie e ser infeliz o resto de minha vida. Além do mais, não quero ter um sogro da categoria do Rei

Vladimir. Nós vamos resistir e nos preparar para a guerra contra o Reino de Odhiar!

- Filho, você ficou louco? Nosso exército não é suficientemente poderoso para enfrentar o terrível exército do Rei Odhiar!

- Meu pai! Morrer em uma guerra ou morrer lutando por uma causa justa em que o senhor acredita. O que seria melhor?

O Príncipe Jorge lembrou-se do mesmo questionamento feito por Croc na revolta contra a Rã-Golias.

O Rei ficou mudo. Abaixou a cabeça e retirou-se dizendo simplesmente:

- Meu filho! Eu já estou muito velho para estas decisões. Deixo em suas mãos. Você é o Príncipe-herdeiro do trono mesmo. Faça o que achar melhor!

- Pai. Eu vou me reunir com todos os súditos e soldados de nosso exército amanhã mesmo. Temos, ainda, uma semana antes do prazo dado pelo Rei Vladimir. O tempo é curto, mas vamos nos preparar para a guerra com toda a garra e força. O povo unido jamais será engolido, digo, vencido!

O Príncipe Jorge reuniu-se com todos os soldados do Reino de Acomodhar e o os súditos em um campo próximo da cidade e falou:

- Meus amigos! Bravos soldados e orgulhosos súditos do Reino de Acomodhar! Uma vez mais, estamos sendo ameaçado pela ambição do terrível Rei Vladimir do Reino de Odhiar! Ele quer nos submeter a exigências absurdas, como o meu casamento com sua filha que mal conheço e não amo. E o objetivo deste casamento é ainda mais cruel! Ele quer a união dos Reinos de Acomodhar e Odhiar para invadir o pacífico e feliz Reino de Amhar. Vocês acham que podemos concordar com isto? Ou vamos lutar com a coragem que sempre tivemos?

E os súditos responderam:

- Vamos à luta! Queremos ver nosso Príncipe casar com uma moça de Acomodhar!

- Morte ao Rei Vladimir! Seus soldados são muitos, mas vamos lutar até o último homem! Vamos salvar o Reino de Amhar!

Uma boa parte da multidão apoiava o Príncipe Jorge. Outra se mantinha em silêncio, com medo e insegura quanto ao seu futuro.

- Então preparem suas armas. Peguem tudo que possam para se defender. O tempo é curto. Esperamos o ataque dos soldados de Odhiar para daqui a uma semana! Que Deus nos proteja!

- Viva o Príncipe Jorge, viva o Rei Jorge!

O povo já aclamava o Príncipe Jorge como o novo Rei de Acomodhar.

- Meu querido povo! Um dia seremos o sucessor do trono do Rei Felipe, meu pai. E vamos reconhecer todos os esforços de vocês com uma mudança de nosso governo. Vamos fazer de Acomodhar um novo Reino. Um Reino de paz e de progresso para todos. Um lugar onde todos poderão ter suas casas, trabalhar na terra ou nas oficinas, viver em segurança, educar seus filhos! Eu prometo!

- Viva o nosso Rei! Viva o nosso Rei! Gritava a multidão.

Os dias que se seguiram foram de grandes preparativos e grandes apreensões. As mulheres ajudavam na improvisação de uniformes de guerra e de provisão de alimentos. Os homens afiavam suas lanças e machados, tiravam seus arcos e flechas dos armários.

Apesar da grande demonstração de garra e de orgulho pelo Reino de Acomodhar, o clima de medo era visível. Afinal de contas, o exército de Odhiar era o mais preparado de todos e a proporção era de três soldados de Odhiar para um soldado de Acomodhar.

No fundo de seu coração, o Príncipe Jorge achava que seria um milagre fazer o exército de Odhiar bater em retirada. Mas, ele não via alternativa senão a guerra.

Na madrugada da véspera do prazo final, o exército de Acomodhar, liderado pelo Príncipe Jorge, tomava posição nas colinas e campos ao redor do Reino de Acomodhar. No Reino permaneciam somente os idosos, mulheres e crianças. E todos rezavam pelos seus soldados.

No castelo, o Rei Felipe e a Rainha Catarina retiraram-se para a pequena capela do castelo para rezar pelo sucesso do Príncipe Jorge.

Enquanto isto, ignorando tudo ao seu redor, desconhecendo os temores da guerra, uma situação estranha acontecia...

No povoado, uma jovem sem memória vagava pelas ruas. Ela pedia comida, estava maltrapilha e suja. Mas, atrás destes trajés se escondia uma linda mulher.

Ela não se lembrava de seu nome, de onde viera e não sabia a quem procurar. Quando as pessoas perguntavam pelo seu nome ela dizia simplesmente: ‘Meu nome é Frog!’.

Os pais de Suzy moravam em um pequeno vilarejo do Reino de Acomodhar. Mas, ainda adolescente, foi convocada para serviços de criadagem no palácio do Rei Felipe e da Rainha Catarina.

Sua mãe a ensinara desde cedo a arte de cozinhar e ela se tornou a principal cozinheira do castelo. Assim, ela perdera o contato com os seus pais e nunca mais se viram nos últimos 10 anos.

Lá conheceu o então adolescente Jorge. Ambos tinham 12 anos e tornaram-se grandes amigos. Depois, o Príncipe Jorge foi proibido de manter amizade com a criadagem quando completou 18 anos. O herdeiro do trono não podia se misturar com os serviçais do palácio, não era digno de um nobre.

Mas, o Príncipe Jorge e Suzy sempre mantiveram relações de uma amizade muito profunda. Às vezes, pensavam até estar apaixonados.

Mas, será que realmente não estavam e ainda estão?

A estranha personagem que vagava pelas ruas chamando-se de Frog e pedindo por água e comida despertava a atenção de todos. Ela tinha atitudes educadas e sua beleza refletia maravilhosamente através do rosto sujo e olhar triste e perdido.

E surgiu uma senhora que ficou compadecida pela situação de Frog. Ao bater na porta desta bendita casa para pedir por comida, esta senhora a convidou para entrar, comer à mesa e tomar um banho. Frog entrou, manteve-se quieta, olhava todos os cantos e móveis da casa. Em seguida tomou um banho quente reconfortante, recebendo roupas limpas emprestadas da bondosa senhora. À noite, ela se deliciou com comida quente e saborosa. Esta senhora ficara viúva, não tinha filhos e era uma grande cozinheira.

No jantar procurava conversar com Frog:

- Moça, você é muito bonita. E vejo que tem uma pele muito bem tratada. Parece uma nobre do castelo! Quem é você? Você não se lembra de onde veio?

- Eu sou Frog. Meu nome é Frog!

A senhora sentia que o problema de Frog era muito sério. Mas, mesmo sem a certeza de Frog estar entendendo ou não, continuou a conversar:

- Sabe, Frog. Eu também tinha uma filha muito parecida com você! Era minha única filha. Seu nome era Suzy! Mas, um dia, enviados do Rei disseram que ela deveria prestar serviços no castelo. Nunca mais nos vimos. Ela tinha apenas 12 anos. Deve estar uma moça hoje. Nunca fomos autorizados a entrar no palácio para falar com ela. E ela nunca pode nos visitar!

Frog parou de comer por uns instantes e olhou para a senhora profundamente. Algo parecia se mover em sua mente esquecida. O nome Suzy lhe parecia familiar!

Enquanto isto, no campo de batalha a madrugada avançava noite a dentro. Esfriava cada vez mais. Mas, os soldados não podiam acender fogueiras para se esquentar para não chamar a atenção dos inimigos.

Assim, muitos não conseguiam dormir.

As guerras podem trazer a morte para muitos, a invalidez para muitos outros. Nenhum soldado do bravo exército de Acomodhar poderia prever se estariam vivos ou não no final do combate com os soldados de Odhiar.

A proximidade da guerra fazia com que os soldados de Acomodhar meditassem sobre suas vidas, enquanto enfrentavam o intenso frio da madrugada.

Dizia um filho, lembrando-se de seus pais:

- *Quanto tempo que eu não vejo meus pais. Estão velhinhos. Eu me descuidei deles. Não sei nem se estão vivos ou não. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha vou reparar esta grande dívida que tenho com os meus queridos pais.*

Dizia um marido, lembrando-se de sua esposa:

- *Eu não tenho dado o devido valor para minha esposa. Eu a trato mal o tempo todo, como se fosse minha criada. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha vou dizer a ela o quanto a amo e vou passar a respeitá-la mais como esposa e a mãe de meus filhos.*

Dizia um pai, lembrando-se de seus filhos:

- *Eu não vi meus filhos crescerem. Minha preocupação sempre foi com a oficina de artesanato. Agora eles estão adolescentes e eu pouco sei deles. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha vou resgatar a amizade com meus filhos, ficar mais próximos deles, orientá-los melhor para a vida. Quero ser um verdadeiro pai.*

Dizia um amigo, lembrando-se de outros amigos:

- *Quantos amigos de infância e da adolescência eu não vejo mais. Eles até procuraram por mim. Mas, eu os desprezei. Hoje eles estão afastados de mim. Fui muito egoísta e só pensei em mim. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha vou procurar por estes amigos distantes e esquecidos e reatar nossa amizade. Ninguém pode ser plenamente feliz sem as verdadeiras amizades.*

Dizia um crente, lembrando-se de sua religião:

- *Quanto tempo eu não frequento os cultos de minha igreja e rezo pelo meu Deus. Agora estou solicitando Sua ajuda. Eu sou uma ovelha desgarrada do rebanho. Se Deus me permitir ficar vivo após a batalha vou procurar frequentar os cultos de minha igreja todos os domingos e agradecer por todas as bênçãos que Ele tem me concedido.*

E, não diferente dos soldados, os idosos, mulheres e crianças que ficaram no povoado também meditavam sobre suas vidas em vista à proximidade da guerra. Eles consideravam a possibilidade de perder o pai, marido ou filho soldado do exército de Acomodhar.

Diziam os pais, lembrando-se de seu filho na guerra:

- *Quanto tempo não vemos nosso filho! Agora estamos velhos. Talvez ele nem saiba se estamos vivos*

ou não. Nós sempre o tratamos como criança, sem direito a ter seus próprios sonhos e planos de vida. Assim, ele foi se distanciando e nos esqueceu. Se Deus permitir que meu filho volte vivo da batalha vamos reparar este erro, mostrar o quanto o admiramos pelo homem que ele se tornou e o orgulho que sentimos dele.

Dizia a esposa, lembrando-se de seu marido na guerra:

- *Talvez eu não tenha dado o devido valor para o meu marido. Deixei de reconhecer os esforços de seu trabalho para manter a família. Esqueci-me de dar-lhe o carinho como esposa e me deixei transformar em uma criada da casa. Se Deus permitir que meu marido volte vivo da batalha, vou tratá-lo como uma verdadeira esposa e mãe de seus filhos.*

Diziam os filhos, lembrando-se do seu pai na guerra:

- *Nós crescemos e esquecemo-nos de dar a atenção para o nosso querido pai. Nossa preocupação era com os amigos e nossos interesses. Pouco nos interessávamos pelos problemas e planos de meu pai. As vezes que ele procurou ser nosso amigo nós rejeitamos pela nossa imaturidade. Ele se afastou, nós crescemos. Se Deus permitir que nosso pai volte vivo da batalha, vamos nos aproximar deles com muito amor e*

carinho, reconhecendo o grande homem que ele é e o pai zeloso e preocupado com a manutenção da família. Queremos ser filhos de verdade.

Diziam os amigos, lembrando-se de seu amigo na guerra:

- *Há quanto tempo não vemos o nosso amigo da infância e adolescência. Não devíamos ter nos distanciado dele. Amigos não se distanciam, se procuram sempre. Ele estava na luta da vida para construir uma família. Achamos que ele não queria mais nossa amizade. Se Deus permitir que nosso amigo volte vivo da batalha, vamos nos reaproximar dele, reviver nosso tempo de infância e adolescência e reforçar ainda mais a nossa antiga amizade.*

Dizia o missionário da igreja, lembrando-se do crente na guerra:

- *Quanto tempo eu não vejo alguns homens frequentar os meus cultos. Talvez eu devesse procurar por eles e promover uma melhor evangelização. É meu dever como pastor procurar pelas ovelhas desgarradas do rebanho. Se Deus permitir que nossos homens voltem vivos da batalha, vou procurá-los e levar a palavra de Deus e falar da importância para que compareçam aos cultos dominicais.*

O dia começou a amanhecer. O sol aos poucos despontava no horizonte, iluminando e dando calor àquela fria manhã. Muitos soldados de Acomodhar estavam cansados, dormiram muito mal à noite. Mas, isto não esfriou o seu entusiasmo e vigor para defender Acomodhar do exército de Odhiar.

Ignorando o cenário de guerra que poderia acontecer a qualquer momento, as flores coloriam a natureza nos campos. Animais pastavam como sempre faziam, coelhos saíam de suas tocas, atentos para a luta da sobrevivência. E a raposa procurava por coelhos desatentos. Os riachos de água pura e cristalina continuavam os seus cursos, dando de beber aos animais e regando as plantas. A natureza seguia sua rotina.

Afinal de contas, as guerras eram invenções dos homens.

Os soldados se levantaram e tomaram posição de combate. A qualquer momento surgiria no horizonte da planície o terrível e poderoso exército do Rei de Odhiar, o temido Rei Vladimir.

O medo, a ansiedade, a tensão eram generalizadas.

O Príncipe Jorge tomava a liderança e gritava palavras de ordem procurando manter seu exército motivado e alerta para o combate.

As horas passavam.

De repente eles sentiram que o chão começava a tremer. Quem já estivera antes no campo de batalha sabia que este tremor era dos cavalos e da marcha de milhares de soldados. O Rei Vladimir e seus milhares de soldados sedentos de sangue estavam a caminho.

- Soldados! Preparem-se para a guerra! Que Deus nos proteja, proteja nossas famílias e proteja o Reino de Acomodhar! Viva o Reino de Acomodhar! Gritou o Príncipe Jorge.

No vilarejo, Frog acostumava-se com a rotina de sua nova casa. Sua amizade e carinho com a senhora Lydia aumentava a cada dia. Quando ela visitou um dos quartos da casa, viu uma cama feita de grossas madeiras de carvalho, um colchão de penas de ganso, uma janela que dava para um lindo jardim. O quarto estava arrumado, tudo estava em ordem. Frog sentiu que dormira lá em algum momento de sua vida. Ela correu para o quintal procurar por uma coisa que lhe veio à memória - um fogão à lenha onde ajudava sua mãe a

preparar a comida de cada dia. E lá estava o fogão. Estava velho e desativado. Mas, era o mesmo fogão.

De repente sua consciência pareceu voltar. Tudo lhe era familiar, os móveis, a casa, seu quarto, o jardim, o rosto da bondosa senhora Lydia.

E ela conseguiu falar:

- Mãe! Agora estou me lembrando! Eu sou Suzy!

A senhora Lydia não se conteve e a abraçou em lágrimas:

- Minha filha, minha filha! Algo me dizia que você era a minha pequena Suzy que Deus colocara em meu caminho novamente.

Finalmente, mãe e filha se reencontraram. De agora em diante, teriam muito a conversar.

No campo de batalha, milhares de homens, uns a pé, outros a cavalo começaram a surgir no horizonte, vindo em direção ao exército de Acomodhar.

O Príncipe Jorge gritou:

- Todos a postos! Aguardem o sinal de ataque. Tenham fé no seu potencial! Deus está do nosso lado!

E os soldados de Acomodhar concentraram seus olhares no grande exército que se aproximava cada vez mais, em passos lentos. Mas, os soldados não pareciam ameaçadores! Estranho, não?

Quando chegaram mais perto da visão, o Príncipe Jorge e seus soldados puderam ver que na frente estava o Rei Ricardo seguido do seu filho, o Príncipe Guilherme, que carregava a bandeira do Reino de Amhar.

Milhares de homens comuns, a pé ou a cavalo, marchavam em silêncio. Milhares de mulheres e crianças acompanhavam estes homens, levando bandeiras brancas e flores vermelhas. Não se via nenhuma arma sequer!

O Rei Ricardo, sem menosprezar o poderio do exército do Rei Vladimir, disse ao seu povo:

- Vamos nos colocar à frente da marcha do exército de Odhiar em direção ao Reino de Acomodhar. Vamos ajudar nossos amigos!

Sem levar armas, levando somente milhares de bandeiras brancas empunhadas por crianças e flores

vermelhas nas mãos das mulheres, os súditos do Rei Ricardo se posicionaram à frente da marcha do temido exército de Odhiar.

Todos ficaram com as cabeças baixas em sinal de respeito e submissão.

O Rei Vladimir ordenou que seus soldados massacrassem o povo de Amhar, não importando se eram idosos, mulheres, crianças e homens sem armas!

Mas, os fortes e bem armados soldados do Rei Vladimir simplesmente pararam a marcha.

Em seguida, desistiram da luta contra o povo de Amhar e deram meia volta em direção ao Reino de Odhiar novamente.

E fizeram isto por uma razão simples - os soldados do poderoso exército do Reino de Odhiar foram preparados para a guerra e ensinados a nunca serem covardes. Eles não quiseram atracar e matar crianças, mulheres e idosos que não levavam armas, apenas bandeiras e flores.

Assim, eles não obedeceram a ordem do Rei Vladimir. Eles entenderam que seriam grandes covardes perante

os seus deuses se fizessem o ataque. Eles bateram em retirada para o desespero do Rei Vladimir.

Após a retirada do exército do Rei Vladimir, o Rei Ricardo se dirigiu ao Príncipe Jorge:

- Bom dia, alteza Príncipe Jorge. Meus respeitosos cumprimentos. Eu e o meu filho, Príncipe Guilherme, soubemos do risco que o Reino de Amhar corria com a guerra entre o Reino de Acomodhar e o Reino de Odhiar. E resolvemos agir!

- Agir, mas como? O que vocês fizeram? Perguntou o Príncipe Jorge surpreso.

E o Rei Ricardo contou o que ocorreu no campo de batalha e a desistência dos soldados do Reino de Odhiar.

O Príncipe Jorge e o Rei Ricardo se abraçaram como amigos. Os soldados de Acomodhar gritavam de alívio e alegria: Vencemos! Vencemos!

No retorno como herói, o Príncipe Jorge foi proclamado o novo Rei. Seu pai Felipe, doente, renunciava ao Reinado a favor de seu filho.

O novo Rei Jorge governou conforme havia prometido,

Passou a reconhecer os esforços de seu povo. Fez de Acomodar um novo Reino. Um Reino de paz e de progresso para todos. Um lugar onde todos passaram a ter suas casas, trabalhar na terra ou nas oficinas, viver em segurança, educar seus filhos!

No Reino de Odhiar, o Rei Vladimir entrava em desespero após a recusa de seus soldados de atacar o povo de Amhar.

Próximo ao lago de seu castelo, ele sentou-se em uma pedra para amargar sua derrota e disse:

- Que vida maldita! Eu preferia virar um sapo e me perder nesta lagoa!

E a bruxa da maldição ouviu o pedido do Rei Vladimir e resolveu atendê-lo, gritando:

- Se é isto que você quer é isto que você terá!

Um estrondo foi ouvido por todos os moradores do castelo e redondezas. Parecia o barulho de um trovão muito forte.

Ao longe, escondida no clarão do raio, a bruxa da maldição se afastava dando uma risada arrepiante. Ela

sabia que sua maldição somente poderia ser quebrada com um beijo de amor!

E quem gostaria de dar um beijo de amor em um sapo que representava um Rei tão violento?

O Rei Vladimir de repente se viu nadando e respirando debaixo da água. Era uma água suja e turva. Ele havia mandado despejar o esgoto do castelo diretamente no lago. Agora, experimentava o sabor da água contaminada.

Ele não entendia bem o que estava acontecendo, via poucos peixes nadando. Assim, procurou por água mais limpa, nadando em direção à fonte que alimentava o lago.

Mas, esta fonte já estava dominada por um casal muito conhecido - a Rã-Golias e o Sapo-Golias, que viviam em paz no lago do castelo de Odhiar.

E eles não gostaram da presença do novo visitante.

- O que você faz aqui, sapo esquisito?

Ao ouvir esta pergunta, o Rei Vladimir descobriu que se transformara em um sapo. Exatamente como havia pedido.

Sem maiores cerimônias, o Sapo-Golias o engoliu para sempre, dizendo a seguir:

- Mas que sapo de gosto tão ruim! Credo! Nunca mais comerei sapos!

No Reino de Odhiar, um novo Rei foi proclamado. E o novo Rei era muito diferente do sapo Vladimir, digo, do Rei Vladimir.

Ele procurou um governo mais pacífico, resgatando a amizade e o amor entre os seus súditos. E viveu em paz com o Reino de Amhar e Acomodhar.

Em Acomodhar, o Rei Jorge procurava por Suzy em todos os cantos do Reino.

Ele tinha a certeza de que Suzy estivera com ele no lago na forma da rã Frog. E fora ela que o trouxe de novo à condição de Príncipe quando o beijou apaixonadamente.

Ele não tinha dúvidas de que ela seria a melhor mulher para ser sua esposa e Rainha de Acomodhar.

Mas, como encontrá-la?

Bem, o Rei Jorge resolveu dar uma grande festa no castelo, onde recepcionaria as moças que conseguiriam lhe dar um verdadeiro beijo de amor.

Para evitar que as moças interesseiras e falsas se aproveitassem desta oportunidade sem merecer, o Rei Jorge impôs uma condição: aquela que não conseguisse lhe dar um verdadeiro beijo de amor seria decapitada!

Cartazes foram espalhados em todas as esquinas das ruas do Reino.

O grande dia da festa chegou.

Será que, finalmente, o Rei Jorge descobriria o seu amor verdadeiro?

O grande salão imperial estava todo decorado e todos os membros da corte do Rei estavam presentes. O Rei Felipe e a Rainha Catarina torciam pelo sucesso do novo Rei Jorge.

Afinal de contas ele precisava se casar e ter no seu primeiro filho homem o futuro sucessor do Reino.

Na hora marcada a ansiedade do Rei Jorge era muito grande. Sentado em seu trono, vestido de gala real, ele esperava pela mulher que poderia ser sua esposa.

Os minutos se passaram, as horas se passavam.

A condição de ser decapitada se o beijo não fosse de um amor verdadeiro assustou as moças do Reino. Mas, esta era mesma a intenção do Rei Jorge. Naturalmente, ele estava blefando! Em nenhum momento ele mandaria decapitar nenhuma das jovens. Ele sabia que somente uma das jovens do Reino teria a coragem de enfrentar este desafio!

Quando estavam quase desistindo, já se fazia tarde da noite, uma jovem, lindamente vestida de branco e com o rosto coberto por um véu vermelho, surgiu na grande porta de entrada do salão imperial.

Silenciosa e lentamente, ela caminhou em direção ao Rei Jorge.

Ao se aproximar dele, ela retirou parcialmente o véu do rosto e o beijou demoradamente. O Rei Jorge viu o salão imperial iluminar-se de pequenas estrelas multicoloridas.

Sim, era este o beijo de um verdadeiro amor que ele esperava e aquela seria a sua esposa para sempre!

Ao retirar o véu do rosto da jovem ele, finalmente, descobriu quem era aquela misteriosa e elegante pretendente.

Quem? Frog ou Suzy, como quiserem. Suzy foi morar no castelo, na condição de Rainha.

A senhora Lydia preferiu continuar morando em sua modesta casa. Mas, agora tinha livre acesso para visitar sua filha Rainha quando quisesse!

E, assim, o Rei Jorge e a Rainha Suzy foram felizes para sempre.

Quando tinha tempo, o Rei Jorge sentava-se na pedra à beira do lago e conversava com um sapo sem que ninguém ouvisse. Não queria que o chamassem de louco!

Pelo jeito que o tal sapo ficava olhando o Rei Jorge e escutando sua conversa, poderia até ser seu amigo Croc.

Quem poderá saber, não?

FIM